

# AS TERRAS DO SUL MUÇULMANO

CLÁUDIO TORRES\*

Depois de três dezenas de anos a escavar em Mértola, a abrir a terra, à procura das marcas deixadas pelos cavaleiros árabes, vindos do deserto, pelas tropas invasoras de Tarik, fomos encontrar sobretudo o Mediterrâneo em toda a sua diversidade e coerência. Porque a civilização Islâmica é, afinal, indissociável das velhas civilizações anteriores e está profundamente ligada ao nosso passado, tanto quanto o está também ao nosso presente e aos nossos saberes e hábitos culturais. Para a história dos objectos e das coisas materiais, para as ciências da arqueologia, a batalha definitiva de 711 é um não facto.

Ao contrário, são insistentes e indesmentíveis os fenómenos de continuidade, contradizendo a tradicional divisão da história em fatias: depois dos Romanos, teriam vindo os Suevos, Visigodos e depois os Árabes. Pelo contrário, aqui nestas terras do Sul, estamos a constatar um encadeamento, quase sem rupturas, em que o mundo se mantém sobretudo numa linha de continuidade e em que as inovações introduzidas, quase exclusivamente nos centros urbanos, se sedimentam lentamente, por vezes ao longo de muitas dezenas de anos. Em qualquer intervenção no subsolo, além de ruínas arquitectónicas e técnicas artesanais, recolhemos artefactos e recipientes que, usados ao longo de muitas gerações, atravessaram todo o Mediterrâneo nos períodos romano e islâmico, chegando muitos deles até aos nossos dias.

É curioso constatar que, neste encadeado de técnicas e crenças, de um modo geral, o mundo camponês, as civilizações de carácter agrário, sempre tiveram tendência para sistematizar os seus sistemas religiosos em linhagens politeístas em que cada santo, muitas vezes no papel de divindade local ou regional, intercede no controlo das chuvas e apaziguamento das tempestades, nas boas colheitas, na saúde, fertilidade e bem-estar das pessoas. Ao contrário, num olhar de relance

---

\* CEAACP-CAM.

pelos grupos sociais tradicionalmente dedicados a actividades comerciais, nota-se uma tendência maioritária para cultos monoteístas, naturalmente mais abstractos e, portanto, iconoclastas.

Na expansão do Cristianismo para Ocidente destacam-se nitidamente duas vias principais. Por um lado, a decisão política posterior ao édito de Constantino e que em finais do século IV tornou o Cristianismo religião obrigatória do Império. Todos os templos de culto imperial são obrigatoriamente cristianizados, e os grandes senhores da terra, sempre respeitadores dos poderes estabelecidos, convertem os oratórios familiares das suas *villae* em locais de culto cristão. Esta cristianização na Península Ibérica e noutros territórios do Ocidente relaciona-se sobretudo com as classes dirigentes, consolidando-se nos centros episcopais e nos mosteiros onde prevaleceu um certo revivalismo dos fastos do Império perdido e onde se começou a consolidar e a hierarquizar a nascente sociedade feudal.

O outro caminho da expansão cristã, mais lento, mas certamente mais profundo, acompanhou as rotas do comércio marítimo, fundiu-se nos velhos ritos populares dos mistérios, penetrou no seio de escravos e libertos, associou-se a outros movimentos de salvação e culto dos mortos, implantou-se solidamente nas cidades portuárias, alongando-se pelos trilhos dos mercadores e almocreves. São assimilados outros cultos já antes associados à devoção a Isis -Tanit no Magreb ou o Mitraísmo na Bética e Lusitânia, sendo recebidas e adaptadas ao *panteon* cristão várias outras divindades lunares e solares que passam a integrar os atributos dos muitos santos que vão proliferando no hagiolégio cada vez mais complexo das heterodoxias cristãs que povoam nessa altura todo o Mediterrâneo.

Com efeito, não houve um Cristianismo único a espalhar-se por todo o Mediterrâneo. E não me refiro apenas às múltiplas heresias que proliferavam um pouco por toda a parte. Refiro-me também a grandes sistemas filosóficos que se distribuem seja pelo mundo rural e monástico, seja veiculado pelos cidadãos e comerciantes. Por exemplo, no Mediterrâneo Oriental notamos que, desde o século IV, começa a ser nítida uma certa diferença, constantemente reafirmada em todos os concílios, entre os cristãos das margens setentrionais, de uma certa forma mais ligados às capitais do Império – Roma e Bizâncio, e os cristãos do Sul, mais dependentes de Alexandria e de todas as outras cidades-porto onde confluíam as grandes rotas marítimas internacionais do Mar Vermelho, do Nilo e da Cirenaica. O cristianismo áulico bizantino, que também ditava a ortodoxia, movia-se em torno das cortes imperiais ou papais envolvido num sistema hierarquizado de valores pré-feudais, onde uma pirâmide de heróis e santos era encimada por uma tríade divina.

Nos meios comerciantes das cidades do Sul afirmavam-se os valores do indivíduo que, pelo seu esforço e do seu clã familiar, pode enriquecer e, portanto, ascender socialmente. A valorização individual cria também um relacionamento

directo com a divindade, reforça o poder abstracto e esotérico do monoteísmo. Não é por acaso que tenha sido em Alexandria que se concentraram as últimas correntes filosóficas da Escola de Atenas com Plotino a pontificar o relacionamento directo do homem com Deus através da «graça divina». Este contacto directo com Deus serviu de base à doutrina de Santo Agostinho, cujo pensamento chegou a ser considerado herético quando mais tarde o *tomismo* se impôs como doutrina oficial da Igreja.

No Império Bizantino foi uma poderosa rede de grandes mosteiros, com uma ideologia mais conservadora, a organizar a contra-ofensiva ao movimento iconoclasta inspirado pelas correntes mais inovadoras das grandes cidades do sul. Estes centros monásticos, aliados e cúmplices de outros grandes senhores da terra cuja produção dependia ainda do trabalho escravo, mas onde já se pressentia o sistema feudal, são a matriz do cristianismo ortodoxo oficialmente reconhecido pela corte imperial bizantina e pela cúria romana. Desta forma, era inevitável uma profunda divisão entre estes dois mundos. Assim, o Sul mediterrânico e mercantil tenderia a organizar-se em torno de correntes intransigentemente monoteístas onde eram dominantes as correntes monofisitas, que defendem um só Deus absoluto e uma só natureza. Ao rejeitarem a Trindade, considerada como tríade divina, os adeptos dessa doutrina acusavam os cristãos trinitários de politeístas, denúncia que curiosamente vai ser repetida uns tempos mais tarde pelos muçulmanos.

Muito antes do Islão, que apenas no século sétimo vai oficializar esta ruptura, no seio do mundo cristão oriental as diferenças de sistema económico são potenciadas por divergências religiosas. Como é sabido, Constantinopla tentou de varias formas, incluindo a força armada, impor a sua ordem às cidades de Alexandria, Antioquia e Damasco, que entretanto se tinham reorganizado na igreja Monofisita. Aliás não é por acaso que tenha sido nesta zona do Mediterrâneo a surgir e a afirmar-se a nova religião muçulmana, ela também rigidamente monoteísta e hostil á dominação imperial bizantina. Ao contrário do que ainda hoje é afirmado sobre as influências do deserto na sua génese, o Islão forma-se sobretudo no interior do cristianismo e judaísmo, bebendo das mesmas fontes bíblicas e difundindo-se rapidamente nas comunidades urbanas de mercadores e artesãos, onde tinha garantida a sua base de apoio. Muitas vezes para justificar a fulgurante e milagrosa expansão do Islão como simples fenómeno militar, resumem-se os seguidores de Mohamad a um bando de Árabes a cavalo que invade o Mediterrâneo e impõe uma nova religião. Se é admissível que o cimento místico do novo movimento religioso foi inspirado nos horizontes infinitos e primaciais do deserto, foi sobretudo em Alexandria que foram caldeados a sua filosofia e os seus princípios teóricos. Era nesta grande metrópole mercantil do delta do Nilo que nessa altura se defrontavam as grandes correntes de ideias no interior da

comunidade cristã, com vantagem clara para o monofisismo que também condenava simbolicamente a resistência política ao odiado Império Romano do Oriente. Uma grande proximidade nos grandes princípios religiosos e uma mais do que evidente aliança de interesses contra Bizâncio, fez com que as convergências se transformassem em conversões. O Islão acabaria por dominar toda a região de uma forma inequívoca, uma vez que, na altura, estava não só mais adaptado à realidade, como se impunha a simplicidade da sua liturgia.

Uma série de descobertas arqueológicas em Mértola, sobretudo de um possível palácio episcopal monofisita e de um luxuoso mausoléu, levou-nos também a compreender melhor a implantação da religião muçulmana no Ocidente e sobretudo a ver com outros olhos a forma como se expandiu por todo o Mediterrâneo. Em vez de ficarmos apenas enrolados nas sempre repetidas conquistas militares, começamos a melhor compreender a rápida expansão do Islão, não só como o somatório de condições políticas e económicas favoráveis, como também e principalmente, o facto de nessa altura haver no terreno, sobretudo nas principais cidades portuárias, uma população já praticante de um cristianismo *herético* que, afinal, estava mais próxima e receptiva à palavra do Profeta.

Embora a consolidação do Cristianismo também tenha passado por éditos imperiais e mesmo por uma forte repressão sobre os outros cultos, seria completamente descabido explicar a expansão do cristianismo por uma simples conquista militar. O mesmo se pode dizer do Islão. A religião muçulmana, última grande religião de salvação, é naturalmente a síntese de todas as religiões anteriores, tendo-se afirmado, naquela época, como a mais inovadora, com capacidade de incorporar todos os elementos fundamentais dos cultos anteriores. É uma religião que se expandiu rapidamente nos meios urbanos porque foi sobretudo divulgada por almocreves e mercadores. O gesto de compra e venda é o fundamento de todos os mecanismos de transmissão do conhecimento, criando as linhas de cultura essenciais, que, afinal, resumem a história do Mediterrâneo. Foi através dos portos, dos mercados, das feiras, do intercâmbio, que foi processada a síntese de culturas e saberes, que se difundiram as línguas e as religiões. O fenómeno cultural e religioso da islamização, dada a sua profundidade e carga civilizacional não foi, obviamente, imposto nem pela espada, nem por nenhuma estratégia de conquista militar.

Cingindo-nos aos factos arqueológicos, no período islâmico vamos encontrar por todo o sul do nosso país, assim como em toda a Andaluzia, uma enorme variedade de artefactos oriundos de contactos com o Oriente e por outro, entre as comunidades camponesas, um reforço identitário, uma consolidação das tradições. A maioria da população rural, embora já bastante islamizada em finais do século XI, continuava a praticar um Cristianismo pouco católico e a falar romance. Apenas nas cidades, a língua árabe se tornara, por essa altura, francamente dominante. Exactamente

por isso é que, em Portugal, os falares dialectais do sul são diferentes dos falares do norte. E as diferenças, resultantes da introdução de elementos moçárabes, são obviamente anteriores à Reconquista do século XIII. A língua romance subsistiu nas zonas camponesas, profundamente enraizada, tal como permaneceram alguns rituais cristãos, embora, muitas vezes, pouco ortodoxos. Além dos grandes cultos mais ou menos oficiais, proliferavam heresias, grupos religiosos cristãos que, afastados do controlo episcopal e papal, enveredavam por ritos locais mais antigos ou sincréticos.

Havia uma sabedoria natural na utilização dos espaços religiosos ou mortuários e parece ter sido dominante um certo equilíbrio na convivência de cultos diferentes, porque afinal todos pertenciam à mesma comunidade.

É sintomático que em pleno período Almohada, quando, em reacção aos ataques militares da «Reconquista», parece afirmar-se nas terras do Sul uma certa intolerância religiosa, existisse em Mértola um bairro cristão, recentemente descoberto no arrabalde, junto do rio.

